

NOV 29

BETHOVEN 250



TEMPORADA OSESP 2020
QUARTETO OSESP

29.11 domingo 18H

QUARTETO OSESP

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-1791]
Adágio e Fuga em Dó Menor, KV 546 [1788]

9 MIN

JÖRG WIDMANN [1973]
Quatro Duos

8 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]
Quarteto nº 15 em Lá Menor, Op. 132 [1825]

1. ASSAI SOSTENUTO. ALLEGRO
2. ALLEGRO MA NON TANTO
3. MOLTO ADAGIO
4. ALLA MARCIA, ASSAI VIVACE
5. ALLEGRO APPASSIONATO

41 MIN

MOZART

Adágio e Fuga em Dó Menor, KV 546

O musicólogo Alfred Einstein sugeriu que o estudo de Mozart sobre as fugas de Bach representou "uma revolução e uma crise em sua atividade criativa".¹ A influência do gênio do Barroco teria surtido efeitos diretos em algumas das principais composições de Mozart, como o *Réquiem* e a *Sinfonia nº 41 – Júpiter*, mas também, de maneira difusa, na concepção cada vez mais polifônica de suas obras de maturidade.

A *Fuga em Dó Menor* foi escrita em dezembro de 1783, para dois pianos, e rearranjada em 1788, para orquestra de cordas, desta vez precedida por um adágio na mesma tonalidade. Alguns estudiosos sugerem que o compositor teria retornado ao exercício contrapontístico de 1783 como estudo preparatório para o movimento final da *Sinfonia Júpiter*, ele mesmo uma fuga.

A música de Mozart é frequentemente associada à leveza de espírito e à jovialidade. O *Adágio e Fuga em Dó Menor* é um dos muitos exemplos que comprovam ter sido o compositor, também, um mestre no manejo dos lados sombrios da alma humana.

[2016]

¹ Einstein, Alfred. *Mozart: His Character, His Work*. Oxford: Oxford University Press, 1965.

RICARDO TEPERMAN
É DOUTOR EM ANTROPOLOGIA SOCIAL PELA USP
E EDITOR NA COMPANHIA DAS LETRAS.

WIDMANN

Quatro Duos

Minha intenção inicial foi escrever alguns pequenos duos para violino e violoncelo. À época, não podia imaginar que isso acabaria gerando 24 duos criados em eufórico excesso composicional. O resultado foram dois volumes contendo 13 e 11 duos, respectivamente. Por um tempo, mantive um grande respeito à vulnerabilidade e natureza reduzida dessa constelação de duos, e minha capacidade de imaginação tonal permaneceu curiosamente inibida e unidimensional. De alguma forma, consegui produzir apenas um pequeno número de constelações esparsas e extremamente frágeis do ponto de vista tonal. Decidi então deixar essas estruturas indefesas e nuas a duas vezes deliberadamente audíveis em certos movimentos. O número expressivo de dobras de notas que resultou desse processo representa um desafio técnico peculiar para ambos os instrumentos, mas é precisamente o uso contínuo dessa técnica que produz a qualidade tonal específica da obra. [...]

Violino e violoncelo formam par simultaneamente compatível e incompatível. Nesses duos, ambos os instrumentos estão inseparavelmente dependentes um do outro e não podem existir sem o outro. Tudo está interligado e tudo que um instrumento toca gera consequências no outro. Ambos se atraem, se rejeitam, se amam e se odeiam, às vezes jogam bolas de um lado para o outro em uma brincadeira que, de repente, toma um caráter destrutivo. Assim, os elementos divertidos da obra permanecem sempre sérios, e os sérios sempre são divertidos. Truques e efeitos estão absolutamente ausentes: me concentrei na substância musical nua e essencial, mesmo nas menores frases. [...]

[2008]

JÖRG WIDMANN
TEXTO DE ABERTURA DA PARTITURA DE DUO, GENTILMENTE CEDIDO
PELA EDITORA SCHOTT MUSIC. TRADUÇÃO DE JÚLIA TYGEL.

BEETHOVEN

Quarteto nº 15 em Lá Menor, Op. 132

O *Quarteto em Lá Menor* (1825) está entre os cinco últimos dos dezesseis compostos por Beethoven, num período do fim da vida, quando ele voltava a essa formação instrumental após mais de dez anos.

O quarteto sempre foi um laboratório da criação beethoveniana e um espelho do progresso de sua inventiva. Na época, Beethoven vinha de um mergulho de vários anos na composição da *Missa Solemnis* e apresentava ao público sua derradeira *Sinfonia*, a *Coral*. Viviu um período caracterizado pela intensidade da linguagem, uma liberdade formal surpreendente e um grau de exigência – para ele próprio e para o ouvinte – que, curiosamente, oscila entre límiars: abstração e evocação, gravidade etérea e materialidade mundana, miniatura e gigantismo.

São facetas dessa arte o contraste e a desproporção como expressão de síntese; a majestade polifônica em contraposição à leveza dançante; e a busca do infinito grande com passagem pelo muito palpavelmente humano.

Segundo dos três encomendados pelo príncipe russo Nikolai Galitzin, este *Quarteto* tem em seu centro um movimento lento de proporções inauditas. Identificada pelo compositor como um "Canto de gratidão à divindade por um convalescente", essa profunda meditação foi composta após a primeira experiência dos distúrbios renais e intestinais que, dois anos depois, levariam Beethoven à morte. Em sua prodigiosa variedade expressiva, o *Quarteto em Lá Menor* contém música de profundo dramatismo e elevada sublimação.

O primeiro movimento inicia-se com um agourento motivo lento de quatro mínimas que terá presença definidora em seu desenrolar. Ele foi interpretado pelo escritor francês Romain Rolland, no início do século XX, como o "enigma proposto pela Esfinge ao novo Édipo". Logo depois, seguindo-se a um arabesco do primeiro violino, o primeiro tema propriamente dito, iniciado pelo violoncelo e retomado pelo segundo violino, dá início ao *allegro*, como num esforço de liberação ainda tísida de insinuação. Transcorridos pouco mais de dois minutos de diálogo e reformulação desse episódio, sempre em sentido de maior animação rítmica e clareamento do paisagem emocional, vem o segundo violino cantar em seu registro médio um segundo tema de suave arrematamento, sobre acompanhamento oscilante.

O trabalho com esses dois temas, entrecortados por retornos ameaçadores do motivo introdutório, será desenvolvido por Beethoven em tratamento livre da forma sonata (exposição, desenvolvimento e recapitulação temática, dramatização e direção tonal). Na complexidade da trama arquitetônica, no entanto, o ouvinte identifica o convívio conflituoso e o deslindamento progressivo dos temas em direção a um desfecho dramático afirmativo.

O *allegro ma non tanto* é um *scherzo* que começa em fluência quase dançante, num breve motivo que sobe em semáforos, por etapas, até chegar, em apenas quatro compassos, a uma nota mais longa (mínima); sobre ela descansa, para ganhar firmeza no passo, o segundo motivo, em sentido descendente oposto.

Aos quatro minutos aproximadamente, entra um trio (seção intermediária) imitando, com bordão, uma gaita de foles: calçado no lá grave, o violino saltita no extremo agudo. Segue-se outra dança, *Ländler*, utilizando guirlandas entre os diferentes instrumentos sobre acompanhamento de notas repetidas. O ouvinte notará, em meio à dança inocente dos camponeses, uma intervenção imprevista, no grave, do tema 'da Esfinge', seguida da volta à dança fluida do início.

O *molto adagio* inicia-se com um amplo coral de acordes longos em cinco partes, cada uma delas antecedida por um prelúdio ligeiramente mais rápido, em sutil contraponto. A intensidade da devoção é expressa também na escolha do modo antigo (o lídio, ou a escala moderna de fá sem a alteração do si bemol), no eventual crescendo dos acordes corais e em seu fino tecido de resoluções harmônicas.

Cerca de quatro minutos adentro, passamos da estase mística ao êxtase da vida reafirmando seus direitos. "Sentindo nova força", como indicado na partitura, o quarteto adota um passo mais lépido de *andante* e salta em intervalos largos num novo influxo de energia.

O coral retorna duas vezes, sempre mais místico e atemporal, e o *andante* é ouvido mais outra, com renovada jubilação nas volutas cantantes e na ênfase rítmica.

Alla marcia, assai vivace é uma breve marcha bitemática de contrastante e quase distraído otimismo, com uma segunda seção em que o violino desenvolve um ardente recitativo introdutório ao último movimento.

Em movimentos *rondó* (tema-refrão alternando com episódios diferentes), o *finale* parte de uma melodia anelante e nostálgica em direção a esferas sempre mais densas e contrastadas de alegria vital.

[2008]

CLÓVIS MARGUES
É JORNALISTA ESPECIALIZADO EM MÚSICA E TRADUTOR.
PUBLICOU, ENTRE OUTROS, UMA COLETÂNEA
DE SUAS CRÍTICAS E REPORTAGENS, *A MÚSICA
FALADA* (CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2012).



QUARTETO OSESP

Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne o *spalla* da Orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Gratton, o violonista Peter Pas e o violoncelista convidado Rodrigo Andrade. Desde sua fundação, o Quarteto Osesp tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras. Seu repertório é vasto, incluindo peças que vão da época barroca até compositores contemporâneos. Entre os artistas que já se apresentaram com o grupo estão Heinz Holliger, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, Emmanuel Pahud, Nathalie Stutzmann e Jean-Efflam Bouvazet.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNADOR
JOÃO DORIA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO
SECRETARIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE
VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI
CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO
CÉLIA PARNES
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JAYME GARFINKEL
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MARIO ENGLER
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
PÉRSIO ARIDA
SERGIO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAUJO DE FREITAS
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

